
Preconceito do ponto de vista social Prejudice from the social point of view

ALESSANDRA DOS SANTOS RODRIGUES¹
ANDREI AUGUSTO DA SILVA²
DALVA OLIVEIRA SILVA ANTONIO²
FERNANDA COSTA LUZ ROSSI³

RESUMO: O tema do preconceito é sempre vigente, e tem ocupado os noticiários de TV, jornais e revistas, e tem sido tema para discussões e pesquisas. A presente publicação tem por objetivo propor uma análise do preconceito racial e sexual, do ponto de vista social. Levando em consideração que o preconceito é comum, parece de extremo valor, compreender o tema, corroborando em uma visão social sobre o tema, entendendo as condições e situações em que estão inseridos os indivíduos vítimas de preconceito, partindo de uma concepção multicausal para explicar o tema, tendo em vista que o preconceito está presente em vários âmbitos da inserção do indivíduo como no âmbito social, cultural e psicológico.

Palavras-chave: Preconceito. Preconceito Racial. Preconceito Sexual.

ABSTRACT: The topic prejudice is always actual, occupying the TV news, newspapers and magazines, and it has been topic of discussions and researches. The present work aims to propose an analysis of the racial and sexual prejudice, from the social point of view. Taking into account that prejudice is common, it seems of great value to understand the issue, corroborating in a social vision on the topic, comprehending the

Artigo proveniente do Projeto de Iniciação Científica intitulado “Análise comparativa sobre o preconceito sofrido para com os homossexuais e a etnia negra”, coordenado pela Profa. Ms. Fernanda Costa Luz Rossi.

¹Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Ingá - UNINGÁ – Rua Machado de Assis, 2168, Jardim Independência, Cep 87114-100, Sarandi-PR, e-mail: lekarod@hotmail.com

²Alunos do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Ingá - UNINGÁ – Maringá-PR.

³Mestre em Psicologia da Saúde, Professora da Faculdade UNINGÁ – Maringá-PR.

conditions and situations in that the individuals who are victims of the prejudice are inserted, starting from a multicausative conception to explain the theme, having in view that the prejudice is present in several extents of the individual's insertion as in the social, cultural and psychological scopes.

Key-words: Prejudice. Racial Prejudice. Sexual Prejudice.

INTRODUÇÃO

Visto que dentre os temas emergentes em nível social, cultural e psicológico, o preconceito tem tido destaque nos mais variados meios de comunicação, é freqüente se deparar com a questão, assim sentimentos e opiniões sobre o tema preconceito são as mais variadas possíveis. Sendo assim, o preconceito racial tanto em relação à cor quanto ao homossexual são construções sócio-históricas, sob tal perspectiva pretende-se enfatizar o preconceito do ponto de vista social.

O preconceito é tão velho quanto à humanidade, por isto se torna quase impossível sua eliminação. A palavra preconceito pode ser definida como um conceito antecipado, ou uma opinião formada sem reflexão. Mas teoricamente os preconceitos podem ficar incluídos na classe das atitudes, exibindo consequência dessa inserção. Tendem a apresentar duas características que lhes são específicas, primeiro de que se formam sempre em torno de um núcleo afetivamente negativo e segundo de que são dirigidos contra grupos de pessoas (KRUGER, 1990).

Há décadas o preconceito e a discriminação raciais têm sido objetos de análise dos cientistas sociais em sociedades multirraciais e multiétnicas, marcadas por desigualdades raciais e representações negativas contra um ou mais grupos (CAMINO; PEREIRA, 2000). Na sociedade moderna os atos explícitos de discriminação racial e étnica são publicamente condenados e proibidos por lei. No entanto isso não se faz supor que o preconceito racial não exista. O que tem ocorrido é uma mudança nas formas de expressão e no conteúdo do preconceito, sendo manifesto de uma maneira sutil e não explícito como ocorrera no passado.

No Brasil as relações sociais predominantemente vividas e interpretadas são vistas sob o prisma das relações de classe e interpessoais. No entanto, o próprio fato de que estejam sendo realizadas pesquisas que fazem a população falar ou produzir discursos sobre o racismo no Brasil indica que existem mudanças em curso.

Embora o racismo ainda possa ser considerado um tema sensível no país, não há dúvida de que tem se criado uma corrente da opinião pública em torno do tema, fato que se deve, às mobilizações lideradas por organizações anti-racistas que surgiram nas duas últimas décadas do século passado.

Focalizados por este lado, os preconceitos étnicos, religiosos, políticos, culturais, ideológicos e profissionais passam a ser, efetivamente, atitudes contra grupos, comunidades, classes e sociedades de pessoas consideradas segundo um ou mais critérios de diferenciação.

No setor dos preconceitos, seguramente existem sobejas razões para acreditar ser de interesse social investigar o nível do preconceito em determinada classe social. Embora o preconceito tenha causas diversas e complementares, é possível reduzi-lo: estereótipos podem ser inibidos após sua ativação automática, a agressão pode ser deslocada ou inibida de forma a neutralizar seu veneno e um contato em igualdade de condições, com ênfase na interdependência e na busca de objetivos superiores comuns, pode criar harmonia onde havia ódio e discriminação. Especialmente se isto for acompanhado de mudanças macrossociais, que questionem normas sociais, modelos educacionais e práticas conformistas incentivadores de preconceitos de quaisquer espécies.

PRECONCEITO RACIAL

Na criança o preconceito apresentado está mais associado à limitação de suas capacidades cognitivas do que pela aprendizagem e interiorização de normas sociais num contexto intergrupar segundo Aboud (apud FRANÇA; MONTEIRO, 2005).

Pettigrew e Meertens (apud FRANÇA; MONTEIRO, 2005) distinguiram duas formas de preconceito: o preconceito flagrante que é direto e explícito e o preconceito sutil que tem como fundamento à defesa dos valores do individualismo da civilização, ocidental, associada a crenças de que os membros dos grupos minoritários recebem benefícios imerecidos.

E apesar do fim da escravidão, a discriminação e preconceito racial não diminuíram, ao contrário, adquiriram novos significados e funções dentro das novas estruturas e práticas racistas dos grupos dominantes, no caso, os brancos, que perpetuam a idéia de subordinação dos negros aos brancos, não por meros arcaísmos do passado, e sim pelos benefícios materiais e simbólicos que o grupo branco obtém pela

desqualificação competitiva dos negros (HASENBALG, 1979; GUIMARÃES, 2004).

Schwarcz (1996 apud OLIVEIRA; BARRETO, 2003) afirma que todo brasileiro se sente como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados. Portanto, considerando que o reconhecimento de que os negros em geral são objetos de preconceito e discriminação racial indica que há percepção do racismo, embora os brasileiros se considerem isentos de preconceito racial, percebem a existência de racismo na sociedade, entendido como preconceito e discriminação racial.

HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade sempre esteve e continua sendo expressa em nossa sociedade, ora com indignação, ora com prestígio e também com violência onde talvez a melhor forma de se compreender algo, no caso o homossexual durante sua vida, suas perspectivas e anseios em uma sociedade tão “normal”.

Segundo Rodrigues (2004) a homossexualidade sempre acompanhou a história da humanidade, havendo registros desse tipo de comportamento sexual até mesmo entre povos selvagens e, na natureza, entre os animais. Podemos notar que o enfoque e o conceito dado à homossexualidade são muito variáveis, mudando indiscutivelmente a maneira de ser encarada pelos povos, tendo, porém em comum o fato de nunca haver sido efetivamente legitimada. Contudo o amor homossexual parece que era vital para as civilizações antigas. Fazia parte do tecido social na Grécia antiga e importante também no Império Romano assim era enaltecida, com personagens que na sua maioria eram deuses e heróis, tal prática só eram repudiadas quando ameaçavam subverter a hierarquia social da época.

Contudo no Brasil, até recentemente a Psicologia omitiu-se no processo de retirar o estigma dos homossexuais. Em 1985, o Conselho Federal de Medicina desconsiderou a homossexualidade como doença, inclusive o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e outras instituições científicas ou profissionais ligadas à Psicologia não se manifestaram (CAMINO; PEREIRA, 2000). Sem expressar um preconceito explícito contra os homossexuais, boa parte dos psicólogos trata a homossexualidade como distúrbio que deve ser assumido ou, se possível superado.

Diante do que foi apresentado até agora, podemos afirmar que o preconceito existe há muito tempo, tanto em relação ao homossexual quanto em relação à cor, e que o grau de preconceito depende da cultura e sociedade onde o indivíduo esteja inserido, todavia sempre houve uma grande dificuldade de lidar com o “diferente”. Em paralelo, se os tempos são outros os avanços foram consideráveis na ciência, contudo existe algo que parece permanecer inerte a forma de se relacionar com outro e consigo em todos os sentidos, assim concluímos que o que por lógica deveria acompanhar as mudanças não aconteceu e nos parece hoje mais que em qualquer outra época a intolerância tomando uma proporção enorme sobre o que os “normais” designam de “diferente”. Com isso evidenciamos que as representações sociais das sociedades são muito fortes sobre o pensamento individual do ser humano, quando este consegue pensar por si só.

Sendo assim é interessante ressaltarmos que enquanto que para os negros, vítimas de preconceito a lei é clara e punitiva aos praticantes desta, para os homossexuais não existe nenhuma lei que possa os amparar. Pessoas vítimas deste tipo de preconceito de uma forma ou de outra não podem pelos meios legais reivindicar muitas das vezes agressões não somente verbais, mais físicas ocorridas consigo, culminando apenas em silenciar-se e saber sozinho lidar com as contraposições sociais às quais estamos à mercê.

CONCLUSÃO

Diante das idéias colocadas e tendo em vista que o homem desde sempre tem diferenças e isso é um mérito e não um defeito. Sejam diferenças do ponto de vista racial, sexual, profissional, sendo que um é branco, outro negro, um é caracterizado homossexual, outro heterossexual. Na maioria das vezes, a cultura de cada povo, bem como de sua região determina essas diferenças, o que é estranho, diferente, numa cultura pode ser facilmente compreensível e aceitável em outra.

Nos últimos anos, a sociedade foi palco para grandes mudanças, quedas de violentos preconceitos, como o feminismo, por exemplo. No entanto, o preconceito talvez ainda seja um dos maiores problemas mundiais quando se trata das diferenças. Nenhum país conseguiu ainda livrar-se absolutamente de toda e qualquer forma de preconceito. Cada um desses países cria mecanismos, leis e outras formas coercitivas para conter algo tão arraigado no homem, seja um preconceito sutil, seja um

preconceito explícito todos têm preconceito em algum nível. O Brasil, sendo cenário de habitação para povos de diferentes culturas e etnias, ainda é um país preconceituoso, mesmo tendo sua colonização basicamente estruturada economicamente na escravatura, enfrenta hoje ainda forte influência de um racismo resistente a tal ponto de criar lei severa punindo com prisão inafiançável os que pratiquem tal ato.

Por outro lado, quando falamos de direitos dos homossexuais pouco tem se feito, quanto às leis que punam este tipo de “crime”, apesar dos dados da violência sofrida pelos homossexuais serem expressivos e crescentes. Assim como no racismo a homossexualidade remonta a história, marcando presença na Grécia da Antigüidade, no mundo dos bárbaros e até entre famosos filósofos como Sócrates e Platão entre tantos outros.

Psicologicamente, a homossexualidade é vista como um desajuste na formação da personalidade infantil (esta é uma afirmativa do ponto de vista psicanalítico), contudo já não é, há muito tempo considerada uma patologia à homossexualidade, e os psicólogos procurados em situações semelhantes não devem procurar uma causa identificável para a homossexualidade, o que é aconselhável que se faça é mais um diálogo com este indivíduo em relação à percepção dele com ele mesmo e com a sociedade, buscando trabalhar aspectos biopsicossociais, visando uma melhor adaptação do indivíduo, caso esta seja desajustada. Porém nem mesmo os próprios homossexuais sabem entender e muito menos, explicar a sua orientação.

Fato é que, o preconceito é o maior vilão da não integração destes grupos, tanto homossexuais quanto negros, à sociedade. Ele impede a normalidade da vida destas pessoas, fazendo com que estas se sintam culpadas de terem este comportamento sexual, ou aquela “cor” que na verdade pertence somente a cada uma delas independente de qualquer outro comportamento ditado pela sociedade como sendo normal. É comum acreditar que o preconceito só existe no “outro”. Apenas o “outro” é preconceituoso, esquecendo-nos de olhar para nós mesmos, ver o quanto de preconceito carregamos junto a nossos valores, até porque a circunstância mais grave dessa problemática é exatamente a de acharmos que nós próprios não possuímos preconceitos. O que é muito comum também em relação aos homossexuais, por exemplo, é o fato relacionado à agressividade contra os mesmos que se justifica como sendo “merecedores” do crime ao invés de vítimas.

Levando em consideração que a família é o primeiro grupo social do qual estamos inseridos e conseqüentemente fazemos parte, não seria assim absurdo observar que muito do que manifestamos em nosso comportamento hoje talvez estejam ligados a hábitos adquiridos na nossa infância e que repetimos automaticamente e nem nos damos conta da nossa posição em algumas situações, não refletimos apenas repetimos, assim sendo acredita-se que um investimento por parte das futuras e porque não das já constituídas famílias em rever conceitos e classificações assim como estas respeitando e compreendendo a singularidade de cada sujeito, e que estes também rompam paradigmas pré-estabelecidos e que estejam em constante transformação frente às situações propostas a começar pela visão sobre o preconceito, possa haver uma dissipação positiva do tema preconceito e que este seja não subtraído, mas sim muito mais compreendido e que assim possamos viver bem e melhor com as diferenças, tendo estas, não como obstáculos negativos, mas sim naturais, assim como a singularidade aceita do ser humano.

REFERÊNCIAS

- CAMINO, L.; PEREIRA, C. O papel da psicologia na construção dos direitos humanos: análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação do homossexual. **Rev Perfil**, v.13, p.49-69, 2000.
- FRANÇA, D.X.; MONTEIRO, M.B.V.P.B. A expressão de formas indirectas de racismo na infância. **Anál Psicol**, v.22, n.4, p.705-20, 2005.
- GUIMARÃES, A.S.A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev Antropol**, v.47, n.1, p.9-43, 2004.
- HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- KRUGER, H. **Introdução à psicologia social**. São Paulo: EPU, 1990.
- OLIVEIRA, C.L.P.; BARRETO, P.C.S. Percepção do racismo no Rio de Janeiro. **Estud Afro-Asiát**, v.25, n.2, p.183-213, 2003.
- RODRIGUES, H. **O amor entre iguais**. São Paulo: Mythos, 2004.

Enviado em: outubro de 2007.

Revisado e Aceito: dezembro de 2007.

